

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
POR UMA CANÇÃO  
18 de Agosto de 2021

IO E TE / 2012  
Eu e Tu

*Um filme de Bernardo Bertolucci*

*Argumento:* Nicolò Ammaniti, Umberto Contarello, Francesca Marciano e Bernardo Bertolucci, baseado no romance de Ammaniti (2010) / *Diretor de fotografia (35 mm Fuji Eterna, cor):* Fabio Cianchetti / *Cenários:* Jean Rabasse / *Figurinos:* Metka Kosak / *Música:* Franco Piersanti; “Space Oddity”, de e por David Bowie; “Ragazzo solo, ragazza sola” (versão italiana de “Space Oddity”, com letra de Mogol, de e por David Bowie); “Boys don’t Cry” (Michael Dempsey, Robert Smith, Laurence Tolhurst), pelos The Cure; “Sing for Absolution”, de e por Muse; “The Power of Equality”, de e pelos Red Hot Chili Peppers; “Rebellion (Lies)”, de e pelos Arcade Fire / *Montagem:* Jacopo Quadri / *Som (Dolby Stereo):* Silvia Moraes (gravação), Remo Ugolinelli (misturas), Alessandro Palmerini (montagem) / *Interpretação:* Jacopo Olmo Antinori (*Lorenzo*), Tea Falco (*Olivia*), Sonia Bergamasco (*a mãe de Lorenzo*), Veronica Lazar (*a avó de Lorenzo*), Tommaso Ragno (*Ferdinando*), Pippo Delvono (*o psicólogo*).

*Produção:* Fiction Film, Wildside, Medusa Film, Sky Cinema, Mediaset Premium / *Cópia:* da Leopardo Filmes, digital, versão original com legendas em português / *Duração:* 96 minutos / *Estreia mundial:* Festival de Cannes (fora de competição), 23 de Maio de 2012 / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinemas Amoreiras e Monumental), 3 de Outubro de 2013. Primeira apresentação na Cinemateca a 8 de Julho de 2016, no âmbito do ciclo “Absolutamente Bowie”.

\*\*\*\*\*

Há quarenta anos e três anos atrás, aos trinta e seis anos, Bernardo Bertolucci tinha realizado três belos filmes, que garantirão sem dúvida um lugar bastante honroso para o seu nome na História do cinema: **Prima delle Rivoluzione, Il Conformista e La Strategia del Ragno**. Tomado talvez pela mania das grandezas, ele decidiu então realizar o monumental **Novecento**, filme oficial da possível chegada ao poder do Partido Comunista Italiano nas eleições legislativas de 1976, que tiveram lugar poucas semanas depois da ruidosa estreia do filme no Festival de Cannes (o ano de **Taxi Driver, Die Marquise von O, Cria Cuervos**). O resultado eleitoral foi um empate técnico e, graças ao “compromisso histórico” com a Democracia Cristã, o PC chegou ao poder, sem precisar entrar para o governo. Bertolucci nunca se recuperaria desta aventura, ao mesmo tempo triunfal e desastrosa. Chegara ao apogeu da sua carreira, mas isto fez com que a sua obra chegasse precocemente ao fim, entendendo-se por *obra* os filmes em que o realizador tem alguma coisa a dizer e o faz num estilo pessoal. **Novecento** é um filme inteiramente construído sobre uma astúcia de argumentista (a história da primeira metade do século XX através do destino de dois homens nascidos no mesmo dia), de que a realização é sobretudo uma ilustração. Os numerosos filmes que Bertolucci realizou a seguir também são objetos cinematográficos nascidos de uma ideia ou um conceito de argumentista, a que a *mise en scène* raramente consegue injetar verdadeira vida: em **La Luna**, uma cantora de ópera e o seu filho têm fantasias incestuosas, em **Little Budha** um rapaz nascido em Seattle seria a reencarnação de Buda, em **The Dreamers** (infinitamente superior aos dois outros) uma história de amor nasce durante o *affaire Langlois*, que foi o preâmbulo do Maio de 68 parisiense. Estas situações narrativas são bons pontos de partida, mas não garantem um bom filme, muito menos um grande filme. Longe da modéstia conceptual dos realizadores que se empenham em ser bons artesãos e, segundo a fórmula de François Truffaut, a partir de certo ponto “fazem variações” sobre aquilo que tinham a dizer e já disseram, Bernardo Bertolucci continuou a perseguir a miragem do *grande filme*, assim como outros, em outros tempos, se obcecavam com a ideia de escrever *the great american novel*.

**Io e Te** foi o primeiro filme realizado por Bertolucci em dez anos e o primeiro falado em italiano em mais de trinta, desde 1981 e **La Tragedia de un Uomo Ridicolo**. É dedicado a Giuseppe, o irmão do realizador, ele próprio um cineasta que talvez merecesse uma reavaliação parcial (**Oggetti Smarriti**, por exemplo) e faleceria algumas semanas depois da apresentação de **Io e Te** em Cannes. O próprio Bernardo Bertolucci surge no filme na sequência de abertura, embora de modo indireto: como ele próprio nos últimos tempos, o psicólogo está confinado a uma cadeira de rodas e para um partidário convicto da psicanálise como Bertolucci o brevíssimo papel de um psicólogo era o mais tentador, além de ter analogias com o papel do realizador de um filme, que ajuda um ator a “parir” o seu personagem, do mesmo modo que um psicanalista acompanha o analisando na sua grande aventura. E o genérico, que parece uma homenagem a Saul Bass, dá ao espectador a chave do filme, antes mesmo deste começar: sobre um fundo negro, as palavras *io* e *te* em letras brancas, unidas e separadas pela palavra *e* a vermelho: todo o filme, concentrado em dois personagens, é feito da oposição complementar entre um e o outro (meios irmãos, de idade e sexo diferentes), que acabam por se unir, quase num desenlace feliz (mais feliz do que o do livro, segundo aqueles que o leram).

Quarenta anos depois de **O Último Tango em Paris**, Bertolucci volta a um psicodrama entre duas pessoas, entre quatro paredes. Um filme sobre a *claustrofobia* para citarmos as suas palavras. Mais uma vez, o realizador “apimentou” o filme com uma fantasia sobre o incesto (o diálogo entre Lorenzo e a sua mãe no restaurante, a proximidade física entre ele e a meio irmã), porém sem que os personagens dêem realmente o passo (em **La Luna**, ele optou pelo pior dos compromissos, por “*ter tido medo*” de mostrar um verdadeiro incesto entre mãe e filho, segundo Jay Clayburgh, protagonista do filme). **Io e Te** foi o primeiro filme que Bertolucci realizou desde que foi confinado a uma cadeira de rodas, na sequência de uma queda e uma operação falhada. Muitos, a começar pelo próprio Bertolucci, pensaram que ele nunca mais voltaria a filmar, mas ele o fez “*a partir do momento em que aceitou a situação*”. A maioria dos cineastas torna o seu estilo mais rarefeito com o passar dos anos e alguns críticos estabeleceram um paralelo entre a situação de Bertolucci ao fazer este filme e a de John Huston ao fazer **The Dead**, mas as semelhanças são enganosas. Huston sabia que ia morrer em breve (havia máscaras de oxigénio no *set*) e fez um filme verdadeiramente testamentário, além de realmente habitado. Bertolucci escolheu um personagem extremamente jovem, em pleno enigma do vazio adolescente, confrontado a uma mulher ainda jovem, porém fechada no mundo da mentira da toxicoddependência. Como é regra em qualquer narrativa, ambos têm personalidades contrastantes: ele é calculista e organizado, inclusive no domínio da higiene doméstica, ela é caótica e indigna da menor confiança, como qualquer drogado. A situação dramática é ultra-clássica, com dois personagens que estão juntos contra a vontade e descobrem um terreno de cumplicidade. Minuciosamente concebido e realizado, o filme é um competente exercício de estilo, com um guião que não deixa quase nada de lado (trata-se da sexta adaptação para o cinema de um livro de Niccolò Ammaniti) e uma articulação do espaço ultra-profissional, que consegue dar ao espectador a impressão que se está numa *cave*, sem que isto prive o filme de complexos movimentos de câmara. Mas algo fica por fazer e, além do sofisticado genérico, o elemento que melhor define aquilo que vemos é o uso da versão italiana de *Space Oddity*, de David Bowie, cantada por ele próprio e intitulada *Ragazzo solo, ragazza sola*. “*A minha mente alçou voo / Um pensamento só um / Eu caminho enquanto a cidade dorme / Para onde vais agora rapaz solitário / A noite é um grande mar / Se a minha mão te serve para nadar / Obrigado mas esta noite quero morrer / Porque nos meus olhos / Há um anjo, um anjo / Que já não voa mais*”.

Antonio Rodrigues